

Ana Isabel Teixeira de Vasconcelos: *O Teatro em Lisboa no tempo de Almeida Garrett*,  
Lisboa: Museu Nacional do Teatro, 2003

(Rosa Maria Sequeira – Universidade Aberta)

Sob a coordenação científica de Ana Isabel T. Vasconcelos e Maria Alexandra Gago da Câmara, se inicia com este primeiro volume um conjunto de publicações do Museu Nacional do Teatro em Lisboa sob o título “O Teatro no tempo de ...”.

A colecção pretende divulgar aspectos do teatro que se demarcam dos tradicionais estudos de pendor mais literário ou sociológico e antes se assume como um espaço de vida por onde perpassa a necessidade do teatro, ora elegendo figuras históricas de influência na vida teatral ora certos acontecimentos memoráveis que foram determinantes na sociedade portuguesa.

Nas palavras da autora deste primeiro volume, especialista em estudos teatrais, que coordena também a colecção, “destina-se esta publicação não só a todos os que sentem um carinho especial ‘pela arte de Tália’, mas igualmente àqueles que têm alguma curiosidade pelas vivências, sobretudo sociais, da Lisboa oitocentista. São praticamente inexistentes as obras de divulgação que respondam a perguntas aparentemente tão simples como: ‘A que assistiam os espectadores quando compravam um bilhete no Teatro da Rua dos Condes ou mesmo no Teatro D. Maria II?’, ou ‘Como se desenrolava então uma noite de teatro?’, ‘Quem escolhia as peças representadas?’, ‘Eram sujeitas a algum tipo de censura?’, ‘A quem pertenciam as companhias de teatro?’, ou ainda ‘Seriam os actores profissionais daquele ofício?’...” (pág. 11).

A pesquisa para responder a estas curiosidades a respeito do “teatro em Lisboa no tempo de Almeida Garrett” levou Ana Isabel Teixeira de Vasconcelos a analisar não só os espectáculos que os teatros de Lisboa levavam à cena, mas também diferentes tipos de testemunhos e documentos. Entre eles, os depoimentos de folhetinistas da época, a crítica teatral nos periódicos coevos (da qual ressaltam deliciosos pormenores da vida quotidiana) e os documentos oficiais na legislação que afectava os teatros (assunto a que dedica um capítulo), revelando-se de especial interesse os pareceres sobre textos dramáticos emanados do Diário do Governo. Também não descarta a atenção tanto a figuras de cena como a espaços teatrais estatais e privados que fizeram história. Deste modo acompanha de perto a vida lisboeta, procurando contextualizá-la historicamente num esforço de sistematização ao procurar estabelecer modelos

inspiradores, clarificar repertórios, estabelecer tipologias do espectáculo teatral que à época vigoravam e identificar pontos de viragem no género teatral que os hábitos sociais e o gosto do público impunham.

Uma das reflexões sobre o teatro da autoria de Garrett, figura tutelar desta primeira publicação, apresentada em epígrafe na introdução do volume, nomeadamente que “o teatro é um grande meio de civilização mas não prospera onde a não há”, parece ter servido de eixo às investigações e à abordagem escolhida num entendimento do teatro como a arte social por natureza, uma arte de comunicação e participação. É assim que se pode afirmar a dado passo: “O século XIX recebe o teatro, sobretudo, como um divertimento festivo que já começara também a assumir-se como uma forma social de convívio. Sabemos que os liberais realçaram a vertente pedagógica de que se poderia revestir esse divertimento, pugnando para que se tornasse, simultaneamente, ‘um grande meio de civilização’” (pág. 83). Por isso se procura pôr o leitor em contacto com aspectos do fenómeno teatral que se estendem ao tecido social e retratam de modo impressionante uma época. São, pois, as vivências sociais ligadas ao teatro, em especial o modo como os espectáculos se constituíam, pretendiam favorecer o convívio e ao mesmo tempo proporcionar diversão e instrução, que são objecto de atenção na obra e são elas que, nos pormenores que revelam, mostram ao leitor de hoje uma maneira diversa de experienciar o teatro. A instituição “pateada” nos teatros lisboetas da época é apenas um exemplo desta vivência particular ao indiciar, à semelhança dos teatros europeus, a existência de claques organizadas motivadas por interesses particulares.

Um dos interesses do livro é, pois, a documentação inclusa de cariz diverso: mapas ilustrando a localização dos teatros, gravuras representando a Lisboa de então, retratos de personalidades ligadas ao teatro ou cartazes com programas de espectáculos. Este rico e variado acervo documental é apresentado numa linguagem de cunho comunicativo que prende o leitor numa ortografia actualizada que não anula o espírito de uma época nas expressões que lhe dão forma.

Esta obra desenvolve uma via interessante de penetrar no universo polimórfico do teatro, recuperando a acepção etimológica do carácter espacial do fenómeno teatral no que tem de mecanismo de socialização e ritual e aprofundando a relação teatro-espectador.

Embora debruçando-se sobre o fenómeno local do nosso teatro, por exemplo, descrevendo as circunstâncias que acompanharam a edificação do Teatro Nacional D. Maria II e o comportamento dos públicos, Ana Isabel Vasconcelos aflora alguns dos

grandes problemas que se põem afinal a todos os palcos como o da qualidade do texto ou a discussão dos valores morais, políticos e estéticos de uma dada sociedade.

O aparecimento desta obra em português constitui um acontecimento de considerável importância e vem suprir uma lacuna nos estudos teatrais. Ficamos a aguardar os restantes volumes da colecção.